

# Dívida externa despenca

Sinônimo de crise durante duas décadas, a dívida externa brasileira deixou de ser o bicho-papão que assustou muita gente. Pelas contas do Banco Central, os débitos totais do governo e do setor privado atingiram, em setembro, o menor patamar dos últimos nove anos: US\$ 183,1 bilhões. Somente no terceiro trimestre, a dívida encolheu US\$ 8,1 bilhões, graças ao pagamento antecipado de US\$ 5 bilhões ao Fundo Monetário Internacional (FMI), referentes aos vencimentos de 2005 e de parte de 2006, e ao resgate de US\$ 2,7 bilhões em títulos de empresas privadas.

Segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, com a decisão do governo de zerar os débitos com o FMI, num total de US\$ 15,5 bilhões, a dívida externa cairá muito mais até o final deste mês. Ele não se arriscou a divulgar um número fechado, pois, de outubro para cá, o Tesouro Nacional fez várias captações no exterior. Mas é certo que o endividamento brasileiro ficará bem abaixo dos US\$ 179 bilhões verificados em dezembro de 1996. "Trata-se de um fato importantíssimo para o país, já que reforça o ajuste das contas externas e reduz a vulnerabilidade da economia brasileira a cho-

ques externos", disse a economista Zeina Latif, do Banco Real ABN Amro.

## Caixa forte

Altamir disse que a redução da dívida externa é apenas um dos bons indicadores que o país apresenta hoje quando se mede a capacidade de pagamento. Os chamados índices de solvência, olhados, especialmente, pelas agências classificadoras de risco, estão nos melhores níveis desde 1947. As reservas cambiais do país, por exemplo, representam 132,1% da dívida externa de curto prazo. "Ou seja, o país tem dólares suficientes em caixa para honrar todos os compromissos no mercado internacional com vencimento em até um ano, se, no caso extremo, o mercado internacional cortasse todos os créditos para o governo e o setor privado", afirmou o economista do BC.

Outros dados importantes: um ano de exportação é suficiente para cobrir a dívida total líquida e as reservas cambiais já representam 3,8 vezes o que o Brasil gasta por ano com juros da dívida. "Agora, podemos dizer que temos indicadores de sustentabilidade externa e não de vulnerabilidade externa, como se dizia no passado", ressaltou Altamir. (VN)